

11º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

O CONCEITO DE SOMBRA E O ACESSO AO INCONSCIENTE ATRAVÉS DO RITUAL DE INICIAÇÃO DO CLOWN

Elaine Aparecida Teleken Tavares¹

Marcelo Adriano Colavitto²

O presente artigo pretende-se fazer uma relação entre o processo de descoberta do *clown* e o conceito de sombra da Psicologia Analítica. Procura-se evidenciar a existência do ritual *clownesco* propondo que esse dá acesso ao inconsciente do indivíduo. Neste sentido, a pesquisa enfoca no comportamento e reações a determinados exercícios propostos pelo ministrante do projeto, no qual com estes, procurara-se evidenciar a existência de um processo que dá acesso ao inconsciente por meio das práticas realizadas no picadeiro, que são diferentes das dos consultórios de psicologia.

Palavras-chave: Clown. Inconsciente. Sombra.

Área temática: Cultura.

Orientador(a) do projeto: Marcelo Adriano Colavitto <macolavitto@gmail.com>, Departamento de Música (DMU) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução

A partir da pesquisa da linguagem *clownesca* Roberto Ruiz (1987, p.85) a origem da palavra clown difere-se de palhaço, sendo que a primeira é oriunda de

[...] clod, que se liga, etimologicamente, ao termo inglês “camponês” e ao seu meio rústico, a terra. Por outro lado, palhaço vem do italiano paglia (palha), material usado no revestimento de colchões, porque a primitiva roupa desse cômico era feita do mesmo pano dos colchões um tecido grosso e listrado e afogada nas partes mais salientes do corpo, fazendo de quem a vestia um verdadeiro “colchão” ambulante, protegendo-o das constantes quedas.

O estudo do *clown* é uma área muito profunda que envolve a busca do lado mais sensível do ator e de sua natural essência. O *clown* rompe com as estruturas sociais, mentais, institucionais e corporais, na qual, verifica-se que o mesmo se encaixa como sujeito fundamental da psicologia, do inconsciente individual, Psicanálise, e também coletivo, pois catarses acontecem com os artistas.

Nesse processo faz-se fundamental que haja uma predisposição do indivíduo, deixando de lado os parâmetros de estrutura e o próprio ego, além do mesmo indivíduo ter que aceitar seu lado ridículo. Burnier (2001, p.89) relata que “O trabalho de criação de um clown é extremamente doloroso, pois confronta o artista

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Artes Cênicas. Departamento de Música. Universidade Estadual de Maringá.

² Professor do curso de Artes Cênicas e orientador do projeto de extensão. Departamento de Música. Universidade Estadual de Maringá.

consigo mesmo, colocando à mostra os recantos escondidos de sua pessoa; vem daí seu caráter profundamente humano”.

O objetivo dessa pesquisa é analisar o processo ritualístico de iniciação e descoberta do *clown*, para tanto utilizaremos o conceito de sombra da Psicologia Analítica, a qual tem como representante Jung. Esse conceito é oriundo da especialidade da Psicanálise criada por Sigmund Freud. Nessa investigação pretende-se demonstrar a semelhança entre o processo de descoberta do *clown* e o conceito de sombra, que conforme os estudos da psicóloga Ana Lucia Santana (s/d)

O ser humano só tem acesso a sua natureza sombria quando tem a intrepidez [...] para mergulhar em si mesmo [...], processo que pode ser facilitado pela terapia, mas que [...] cabe a cada um realizar.

Como o indivíduo oculta nos recônditos de sua psique tudo que é rejeitado pelos padrões sociais e por si mesmo, aquilo que é definido como contrário à moral, do domínio da força bruta, ou seja, [...] o inconsciente é povoado com estas criações mentais ali reprimidas, e sem a limpeza constante [...], é impossível o Homem ser livre, pois o fato de não pertencer à esfera da consciência não significa que a sombra deixe de influenciar as atitudes humanas.

A Psicanálise permite compreender que o consciente está ligado à dimensão racional da Psique, pois nele tomamos conhecimento da realidade exterior e, também, dos nossos conhecimentos mentais que não estão ao nível do inconsciente. O Inconsciente é a mais importante instância da Psique, pois nele está o que explica o sentido dos nossos comportamentos e de nossa vida psíquica, visto que os fenômenos do inconsciente podem ser divididos em dois grupos:

- **Pré-Conscientes:** Informações que podem se tornar facilmente conscientes com um reforço de atenção.
- **Inconscientes:** Informações que só se tornam conscientes com um esforço considerável.

No inconsciente ficam retidos os conteúdos com a mesma força do momento em que foram vividos, por isso Freud considerava a existência do inconsciente como um “lugar psíquico”, como um sistema que possui mecanismos, conteúdos, e uma provável “energia” específica.

O ator *clownesco*, atravessa um caminho inquietante revelando à platéia, o mais estranho que existe dentro de si, pois ele se vê diante de seus limites e acaba expondo as maneiras com que ele se defende de si mesmo, e também se desfaz delas para entrar em contato com a parte que ele considera mais inaceitável de si, sem reprimi-las deixando-as aflorar em seu corpo, com isso podemos dizer que “O *clown* é lírico, inocente, ingênuo, angelical, frágil, e essas energias/emoções devem estar latentes no corpo do ator. Ele deve buscá-las e transformá-las em corpo” (FERRACINI, 2001, p.217).

Na linguagem *clownesca* quanto mais honesto se é mais perto estamos do nosso *clown*, e é indispensável que o sujeito que quer descobrir o seu estado de *clown* tenha atitude e interesse de crescimento, pois a linguagem requer um treinamento das habilidades perceptivas, da improvisação, do jogo e da ação espontânea.

Materiais e Métodos

Este estudo foi desenvolvido com bases em fontes especializadas e pesquisa de campo a partir de experiências vivenciadas e observadas no projeto de extensão “Grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do clown” desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá (UEM), ministrado pelo professor Marcelo Colavitto. A pesquisa foi realizada a fim de expor que por meio das práticas realizadas no picadeiro o indivíduo se alto conhece, podendo ocorrer à superação de seus limites quando se chegam ao nível consciente, e assim suas fraquezas podem ser trabalhadas, enfrentando-as e pondo como aceitação.

Discussão de Resultados

A sombra é formada desde a infância e recebe tudo aquilo que não aceitamos como parte do nosso “Ego” ou também conhecido como “personalidade”, na qual chamado de “Complexo de Não Eu” é a parte mais obscura da psique do indivíduo, pois são aqueles desejos que foram reprimidos ou não foram desenvolvidos, muitas vezes até passando despercebidos no decorrer da vida. Porém a sombra não é composta apenas pelo que ficou reprimido, mas também por qualidades, habilidades, percepções e reações que são sentidos pelo indivíduo como se fossem errados.

A Sombra possui um aspecto pessoal e outro coletivo, no qual podemos observar na infância o processo de sua formação quando estamos aprendendo o que é considerado bom e mal. Quando o mal tornar-se visível temos que esconder ou camuflar criando máscaras sociais, pois recebemos retaliações, então temos que ser aquilo que os outros desejam, e não ser nós mesmos. Na sombra suprimimos da consciência o que pode ter sido considerado inadequado socialmente, ou seja, perante o coletivo, ou mesmo perante si quando considerado potencialmente prejudicial ao Ego. Na sombra, geralmente depositamos os nossos defeitos e também tudo aquilo que nos foi proibido por vergonha ou culpa quando estávamos concebendo e nos pediram para cessar. A sombra também recebe aquilo que não gostaríamos de ser, mas especialmente o que odiamos, no qual em alguns momentos, é como uma personalidade de aptidão autônoma, com tendências opostas ao que fazemos. “A Sombra vai remeter o indivíduo às suas próprias experiências, ignorando as necessidades coletivas” (MORAES, 2010, p.03).

O picadeiro proporciona várias chaves para desatar as máscaras sociais e com isso podemos observar a dupla função do nariz do *clown* que é de ser a menor máscara do mundo e de retirar máscaras sociais. O palhaço não pode ter medo do que os outros pensam, sendo necessário se permitir e sempre dividir com a plateia não deixando algo como sensação ou sentimento em seu interior. Para o palhaço quando este faz algo considerado errado, logo se entrega, pois o erro o movimenta e a pessoa quando erra se esconde e reprime.

Acessar o estado do *Clown* pode ser considerado um momento de liberdade, de retirada de máscaras sociais, lembrando que para o clown não existe moral e nele só cabe um sentimento de cada vez, devendo este ser expresso no corpo. Quando não contrariamos a emoção somos verdadeiros, e no processo do picadeiro ocorre a necessidade de libertar mágoas, raivas e ressentimentos que carregamos para que haja espaço para o palhaço. Por vezes para o nascimento do *clown* ocorre a necessidade do indivíduo dar um grito para a libertação, porém observamos que alguns usam o ato de se coçar, o segurar as mãos juntas ou apoiadas na cintura e o riso como forma de escape da situação diante de si. Bergson afirma que para uma situação ser risível, nós não podemos nos comover com ela; o riso é incompatível com a emoção e exige certa insensibilidade. O clown surge com o emocional e o que aparece ali é necessário ser entendido e assim trazido a consciência.

As atitudes e trejeitos do indivíduo durante os exercícios já revela a personalidade do *clown* e como será o picadeiro do próprio, assim como também podem auxiliar na escolha do nome deste palhaço e sua posição na hierarquia com tendência mais a “branco” ou a “augusto”.

No *clown* branco podemos observar mais facilmente as sombras, pois a arrogância muitas vezes está presente, assim como a antipatia e frieza. Para os indivíduos cujo seu estado de *clown* tem mais tendência a branco, no início ocorre a insatisfação da pessoa consigo mesma se questionando e declarando: “Eu sou assim? claro que não” ou logo afirmando “Minhas atitudes não são desta maneira” e notamos aí as tendências opostas ao que fazemos observadas no conceito de sombra da psicologia analítica, pois uma pessoa que assume profundamente sua arrogância não é aceito socialmente, por isso acredita ser ridículo ser desta maneira.

Alguns estados de *clowns* podem ser aquilo que o indivíduo mais em algum momento da vida julgou que não gostaria de ser como pessoa. Portanto observamos aí o “Complexo de Não-Eu”, pois a sombra reúne tudo àquilo que não relacionamos com a nossa personalidade, enquanto o “Complexo de Eu” abarca as idéias, experiências, desejos e afetos com aquilo que chamo de “EU”.

A dificuldade de reconhecer o conceito de sombra está em que como toda sombra não conseguimos reconhecê-la no escuro, portanto precisamos estar em claridade e ela estar projetada em algo. Jung aponta que “Uma sombra não pode existir sem a presença de uma fonte de luz, ou seja, sua existência é limitada e depende da existência de um foco luminoso; “sombra que goza somente de uma existência relativa e dependente da luz”. (Jung, 1971 p.168). Observando os *clowns* consideramos como personagens cômicos e algo de tipos, pois todos nós nos identificamos ou conhecemos alguém assim socialmente como eles ao examinar. A projeção é o conceito chave no qual aquilo que nos é inconsciente só percebemos quando é projetado e assim ocorre ao examinar os *clowns*.

No princípio como a sombra reúne tudo o que reconheço inconscientemente como sendo o “Não-Eu”, então notamos que o “Não-Eu” na realidade se torna projeção da minha sombra, ou seja, quando eu avisto isso, eu estou enxergando no outro o que reconheço como sendo “Não-Eu” em mim mesmo, principalmente quando além de nós notarmos a diferença e colocamos repulsa. Quando não reconheço uma determinada característica em mim, então eu a reprimo, e esta fica inconsciente, mas não perdida, na qual eu posso fazer tomar consciência, porém há casos em que algumas características o ator *clownesco* não internaliza como sendo parte do “EU” e outras ele internaliza, pois isso ajuda no seu cotidiano quando estas se tornam conscientes, já que o indivíduo passa a ter controle sobre. O ator *clownesco* participante do projeto de extensão, com tendência a *clown* branco relata que internaliza e aceitar a arrogância de seu *clown*. “Aceito, porém não generalizo “sou assim” Entendo que é apenas um estado que tenho facilidade de atingir. Na minha vida tendo conhecimento disso posso ter maior controle sobre.” (TM). A integração da sombra implica num grande esforço moral, pois o reconhecimento do que rejeitamos assim como os desejos instintivos “[...] implica em chegar ao ponto médio entre nossa matriz instintiva e o anseio cultural (Espiritual)”. (MORAES, 2010). É importante perceber que nossa psique não é moral e os defeitos e qualidades são valores conscientes que colocamos a características nossas.

Durante o processo do picadeiro o *clown* esboça alguns traços com as suas respostas a algumas perguntas realizadas pelo mestre sala, no qual o *clown* Augusto revela o lado da liberdade do infantil, o ingênuo de boa-fé e eterno perdedor. Na sociedade o indivíduo que possui estas características como também o vestir-se deslealante próprio desta tendência, não é bem visto visando que nesta realidade

onde todos buscam de alguma maneira se sobressair, ganhar seu espaço no mercado de trabalho e em outras áreas, por isso o indivíduo acaba reprimindo-se e causando essas sombras que estão alojadas em seu inconsciente. “O augusto [...] é o bobo, o eterno perdedor, o ingênuo de boa-fé, [...]. Ele está sempre sujeito ao domínio do branco, mas, geralmente, supera-o, fazendo triunfar a pureza sobre a malícia, o bem sobre o mal. (Burnier, 2001, p. 206)”.

Segundo Moraes a sombra pode ser nossa amiga, mas se deixamos ela inconsciente se torna nossa inimiga. Quando observamos que algum aspecto fora nos tira a tranquilidade, podemos aproximar essa de nós e indagar: “*o que tenho eu dessa característica que vejo como sendo ruim nos outros?*” (MORAES. 2010).

Quando o palhaço se permite ser ele mesmo, ele nunca ira errar em cena, pois este faz a inadaptação tornar-se comicidade. Uma pessoa ao perceber um defeito próprio mesmo que minúsculo, tem a sensação de que sua inadaptação tem uma forma proporcionalmente maior do que esta é na realidade, e acaba camuflando e escondendo. O *Clown* quando percebe uma inadaptação, por mais que está seja pequena, á preenche dando foco e a aumenta.

Conclusões

A integração da Sombra implica em equilibrar o que somos com os anseios da cultura e sociedade que constitui. Para acessar o estado do clown o ator deve se colocar por inteiro, sintonizado e alimentando sua percepção para ocorrer o jogo com o público, por isso uma sombra também pode dar abrigo e entreter com suas projeções, pois a fragilidade pode ser a fortaleza se souber usá-la.

Referências

ALMEIDA, Bruno. **Sombra: Conceito de C. G Jung**. Disponível em:

<<http://www.psicologiamsn.com/2011/01/sombra-jung.html/>> Acesso: Jul 2013.

ASSIS, Pablo. **Nossa Amiga, a Sombra**. Disponível em:

<<http://pablo.deassis.net.br/2010/06/nossa-amiga-a-sombra/>> Acesso: Jul 2013.

BURNIER, Luís Otávio. **O clown e a improvisação codificada** In: **A Arte de Ator – da Técnica à Representação**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes 11ª edição. 1971

MORAES, Fabrício. **Sobre o conceito de Sombra**. Disponível em:

<http://psicologia126.dominiotemporario.com/doc/18_Sobre_o_conceito_de_Sombra_-_Fabrício_Moraes.pdf /> Acesso: Jul 2013.

RUIZ, Roberto. **Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil**. INACEN, MINC, Rio de Janeiro, 1987.

SANTANA, Ana Lucia. **A Sombra na Psicologia**. Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/psicologia/a-sombra-na-psicologia/>> Acesso: Jul 2013.